

DE BOCA EM BOCA, UM ESQUELETO NO MEIO DO CAMINHO É IDENTIFICADO NAS PÁGINAS ESCRITAS DO JORNAL “O MOSSOROENSE”¹

Maria Hozanete Alves de Lima (UFRN-DL/PPGEL)

1. INICIALMENTE, UM ESQUELETO NO MEIO DO CAMINHO...

Ao perscrutar os números entre 16 de dezembro de 1902 a 12 de maio de 1906 do jornal norte-rio-grandense *O Mossoroense*, duas notícias nos chamaram a atenção, dada a forma como eram intituladas: “Esqueleto”. Nosso aparente estranhamento em relação ao título talvez não se coadune com o modo peculiar e a sua recorrência nas páginas do jornal entre os idos de 1902 e 1906, como pudemos observar. Atualmente, podemos encontrar, em jornais atuais, especialmente nas páginas policiais, outras categorias ou sintagmas lexicais que fazem referência a um esqueleto, a exemplo de “ossada”, “ossos humanos”, entre outros.

As notícias merecem aqui destaque não apenas pelo título, mas também pela arquitetura das notícias e conteúdo nelas veiculado. Elas falam da descoberta, ao acaso, da “ossada” de um indivíduo, cuja identidade ainda está por revelar. Entenda-se identidade aqui como metáfora de identificação, reconhecimento de um corpo, como se costuma fazer nos Institutos Médico Legais. Diferentemente destes, todavia, em que se recorre a toda uma aparelhagem e técnicas científicas modernas, a identificação do referido “esqueleto” noticiado é marcada por diversas “bocas”, espalhando-se como um telefone sem fio, arrazoando-se por um movimento próprio do “ouvir dizer”, do “alguém falou”. Desse modo, “de boca em boca”, através de uma ossatura própria da narrativa, e da narrativa oral por excelência, a notícia vem dar seu recado, anunciando um “corpo” achado nos caminhos do sertão potiguar e demarcando aquilo que, junto ao corpo – objetos encontrados ao lado do “esqueleto”: *uma baciasinha e um saquinho, com farinha já apodrecida* – pode traçar uma espécie de DNA, marca de reconhecimento.

1.2. O espaço-tempo do Mossoroense

O jornal “Mossoroense” foi fundado em 17 de outubro de 1872 por Jeremias da Rocha Nogueira e continua sendo publicado até hoje. Esse documento histórico se apresenta como um verdadeiro tesouro lingüístico, uma vez que possibilita uma análise das relações sujeito/língua/discurso em um dado momento da história ou em suas relações comparativas com escritos contemporâneos. Ao entrar em contato com seus números de 1902 a 1906, foi possível depreender, de um lado, seu caráter local, caseiro e provinciano, e, de outro, a ideologia política da época, claramente expressa e fervorosamente defendida.

O jornal é intitulado, como tantos outros, por um adjetivo “patronímico”, “O Mossoroense”. Caracterizando seu lugar, e nascedouro, o jornal anuncia, em primeira mão, e aos cidadãos da cidade de Mossoró, notícias internacionais, nacionais e, especialmente, locais. O nome próprio do jornal eleva a identidade do lugar em que é escrito, a terra, o povo, a região. Pelas notícias veiculadas no jornal, não é difícil perceber que se trata de uma cidade que se pretende grande, que tem a vida coletiva local como o centro de todas as atenções. Nota-se, facilmente, o espaço e a importância dados às notícias locais que sobressaltam frente àquelas direcionadas aos acontecimentos fora da cidade de Mossoró. O jornal, todavia, circulava em outras cidades, de modo que acaba por desenhar uma espécie de identidade endógena que se espalhava de modo exógeno.

Nas edições de 1902 a 1906, esparramam-se, por exemplo, a intelectualidade e o caráter de grandes homens da cidade, através de biografias publicadas, e a generosidade em tempos de seca, expressa através de doações, de ajudas ou de notas de compadecimento. Em alguns textos, a exemplo mesmo do que acontece no texto que ora analisamos, a generosidade, compaixão ou condolência é

¹ Esse texto redimensiona um trabalho anterior desenvolvido em parceria com Natália de Lima Nobre (Letras-UFRN) e Elaine Cristina (Letras), a quem agradeço pela participação e sugestões. Uma versão anterior foi apresentada no Congresso Texto e Cultura (Fortaleza, 2008).

expressa seja através das boas ações, seja nas marcas lingüísticas presentes nos enunciados. Dentre essas marcas, destacam-se o uso de diminutivo, como podemos ressaltar no texto 01 de nossa análise: *uma baciasinha e um saquinho, com farinha já apodrecida*. O jornal traz, linguisticamente, estruturas bem marcadas pela oralidade, e é recheada com notícias cujos personagens são nomeados através de apelidos ou nomes ligados a suas profissões – conhecidos pela maioria da população local. De modo metafórico, podemos resumir que ressaltam muitos “joãos” da padaria e “zés” carneiros, emprestando suas vozes como autoridades veiculadoras de informações.

A estrutura física do jornal resguarda o modo como a “imprensa” em Mossoró carecia de uma aparelhagem mais moderna, à altura, por exemplo, do que já acontecia com outro jornal do estado “A República”. A diagramação das páginas, se comparadas a que vemos hoje, configura-se de modo quase “tosco”, sem uma estrutura caracterizada pela fixidez, como se percebe nos jornais dos dias atuais.

O que chama a atenção nesse pequeno-grande jornal é o modo como determinadas informações são “contadas”, acontecimentos que se desvelam em próximas edições, com garantia de que isso irá acontecer.

Na atual *homepage* do jornal² – e na própria leitura dos números que vamos analisar – sua visão política é bem demarcada: “o jornal se dispunha a defender os interesses do Partido Liberal (...), boa parte dos editoriais publicados na primeira fase (até 1876), tinha como alvo os conservadores”. Notam-se críticas ao governo, principalmente em épocas de seca, quando até mesmo os obituários eram usados para denunciar. Destacamos esse fato através do seguinte excerto extraído do próprio jornal:

a vergonha e o remorso de um governo cruel que nos infelicit e, o que é peor, mata de fome, com flagrante desrespeito a Constituição, que é letra morta n'este paiz, a uma bóa parte de brasileiros dos estados do norte flagellados por tremendas e consecutivas seccas, sem o menor socorro que lhes possa, ao menos, attenuar tamanha calamidade (O Mossoroense, 10/12/1904:4).

2. OSSATURA DA NOTÍCIA: NARRATIVA E INFORMAÇÃO

A notícia jornalística, assim como todo texto por excelência, pode ser considerada como um “um imenso halo” polifônico e polimorfo, de sorte que sua arquitetura é simbolizada por estruturas lingüísticas que ressaltam da oralidade para fazer conjunto com estruturas ditas “mais formais” e vice-versa. O gênero textual (MARCUSCHI, 2005) e a seqüência estrutural que corporificam a tessitura de um texto também são significativos para o desenvolvimento de sua análise. Tomando a noção de gênero aqui a partir de Marcuschi (2005), para quem “os gêneros [textuais] não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa, pois caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos.

Entendendo por essa perspectiva, passamos a considerar as notícias que serão analisadas como gêneros textuais que apresentam características específicas. De modo geral, o gênero “notícia” faz uso da narrativa como estrutura de organização textual. A narrativa, de acordo com Dufour (2005) é marcada pelo enredamento de uma tríade, quais sejam o *eu*, narrador, o *ele*, de quem se fala, e o *tu*, para quem se fala.

Mas as notícias não são meramente, em si, narrativas, como pensamos as narrativas tradicionais, são veículos de informação – ou um texto informativo. Nesse sentido, são interessantes as diferenças marcadas por Benjamin (1985) entre um tipo de texto e outro. Para o estudioso, mesmo que a matéria prima utilizada por elas – a narrativa e um texto informativo – seja a mesma – a vida –, a informação aspira uma verificação imediata e já vem acompanhada de explicações, preocupa-se com o que está próximo e só é válida enquanto é “fresca”. A narrativa remonta ao longínquo, seja o distante espacial ou o temporal. O autor sinaliza que um texto informativo é caracterizado por uma narrativa que transcende o texto, que se insere na tradição oral e que busca inspiração na “faculdade de intercambiar experiências”. Dessa forma, a legitimidade do fato narrado vêm da autoridade do narrador e não apenas da comprovação de sua veracidade.

² <http://www2.uol.com.br/omossoroense>.

Nos textos em análise, parece haver uma espécie de fusão entre os elementos de uma narrativa que remontam ao longínquo, ao fantástico e os elementos que simbolizam um texto de caráter meramente informativo.

Os textos de nossos dados trazem consigo marcas visíveis de um enredamento linguístico que tem, na figura e na posição de um suposto narrador, os fios que fundem e amarram vozes oralizadas – ou de narradores que passam de boca em boca as informações que vão dar caráter de unidade à notícia. É desse modo que se constitui o narrador/produtor do texto escrito que, por sua vez, dada a expectativa criada no primeiro texto “ESQUELETO”, anuncia a presença de outras vozes, ainda por vir e, assim, de outros textos que trarão completude à descoberta enigmática aberta pela notícia, como se lê em suas linhas finais:

Deixamos de dar os signaes característicos do dito individuo por não nos ter sido possível conversar com Antonio Capuxu antes de sahir o presente numero. Em outra occasião o faremos³

Quase como um pedido de “desculpas”, o narrador anuncia que trará outro “texto” – cujo título, como veremos, será idêntico ao primeiro “Esqueleto” – em outra “ocasião”, que encapsulará os sentidos veiculados no primeiro.

Vejamos o que encontramos no texto 01

Texto 01

ESQUELETO

Foi encontrado, em dias da semana passada, por Antonio Duarte, na Matta do Nogueira, distante 5 legoas desta Cidade, para as bandas do poente, um esqueleto de homem, tendo ao lado um chapéo de massa, uma faca, uma baciassinha e um saquinho, com farinha já apodrecida.

Ha tempos fora encontrado por Antonio Capuxú, nas Vertentes ou Riacho Grande, um individuo conduzindo objectos identicos aos que acabámos de mencionar, e que lhe perguntára o caminho para o Jaguaribe.

Presume-se, pois, que o referido esqueleto seja desse homem, que, perdido na matta, tenha succumbido pela sede.

Deixamos de dar os signaes característicos do dito individuo por não nos ter sido possível conversar com Antonio Capuxú, antes de sahir o presente numero.

Em outra occasião o faremos.

(Jornal “O Mossoroense”, 31 de janeiro de 1903)

De acordo com Dufour (2005), o mundo externo, expresso em uma cena enunciativa qualquer, se torna representável no discurso através de indicadores, significantes especiais, que a literatura tem chamado de dêixis. O universo que gira em torno de nossos textos em análise se faz através de uma força narratológica que coloca em cena esses significantes disponíveis na língua e que organizam, orientam e ligam os sujeitos envolvidos: dêiticos pessoais, como eu, tu, ele, temporais como “lá”, “acolá”, “agora”, “ontem”, embora não se apresentem *ipsis litteris*, encontram-se metaforizados, por

³ Nesse texto, as citações retiradas do jornal “O Mossoroense” encontram-se, todas elas, destacadas em itálico.

sua vez, através do emaranhado de *um* que diz a *outro* sobre um *terceiro* do qual *outro* também ouviu falar.

Podemos simetrizar esse jogo a partir de elementos referenciais que emolduram a notícia, a saber:

1. Referências espaço-temporais: *em dias da semana passada; distante 5 legoas desta Cidade, para as bandas do poente; há tempos fora encontrado; nas Vertentes ou Riacho Grande; perdido na mata.*

A notícia encerra em si mesma, pela natureza dos elementos espaço-temporais, um caráter enigmático, misterioso, fantasmático e, porque não dizer, bem parecido, estruturalmente, com as narrativas fictícias ou ainda mitológicas. A temporalidade não-marcada pelas narrativas tradicionais – expressa por estruturas tais como “era uma vez”, “um certo dia”, “há um certo tempo” – se caracteriza pela imprecisão e, por isso mesmo, faz esses textos se secularizarem através de repetições. O tempo sem um recorte preciso aparece nesse texto através de expressões como *em dias da semana passada, distante 5 legoas desta Cidade, para as bandas do poente*. Tal imprecisão se arrasta por todo o texto, desenhando – nos leitores? – o imaginário de que seja necessário haver a necessidade de pontuar uma conclusão. Aí, a completude vai ser estabelecida pelas vozes de outrens que vão ser escutadas ainda pelo próprio narrador da notícia. Primeiro, o narrador apresenta uma notícia incompleta e a intenção de recorrer a outras vozes para completá-la. Isto nos leva até Benjamim (1985:198), quando afirma que “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores”.

2. Referências ao ele de quem se fala: *um esqueleto de homem, um indivíduo; o referido esqueleto seja do dito indivíduo.*

O “ele” da notícia, em forma de esqueleto, em uma época em que a medicina ainda não fazia interpretações com base no DNA, é experienciado, identificado, através do que lhe é externo. Objetos que eram portados por um corpo vivente: *chapêo de massa, uma baciasinha e um saquinho, com farinha já apodrecida*. Daí, a narrativa é alucinada e o esqueleto ganha corpo, vida, identidade, através das vozes daqueles que identificaram o indivíduo pelo reconhecimento dos objetos que foram descritos e que se encontravam ao lado do “esqueleto”.

3. Referências pessoais: *Deixamos, faremos*, (verbos, que por sua construção morfológica, deixam transparecer um *nós* que metaforiza a relação triádica eu/tu/ele das narrativas). Partindo de Dufour (2005), poderemos anunciar aqui as marcas de indicadores que auto-indexam um suposto narrador, “aquele que fala”.

3.1. Referências pessoais – ele/outro – voz de um “terceiro” (*Antonio Duarte; Antonio Capuxu*) essencial à identificação do “ele”, matéria celular da notícia, “elemento” que mobiliza aquele enredamento de vozes do qual já falamos.

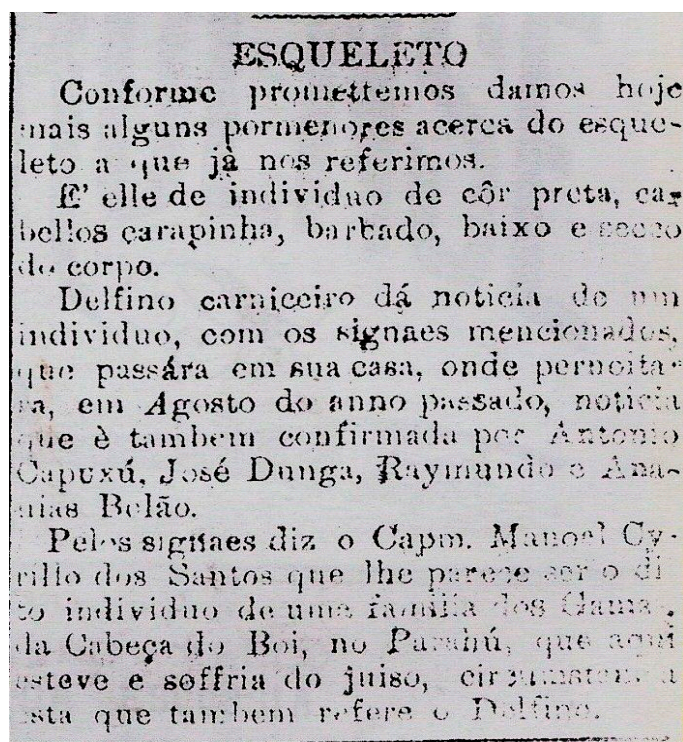
O Jornal “Mossoroense” como todo jornal, pretende ser o imaginário de um padrão de língua culta escrita, mas nesse caso, específico, dada a natureza do gênero e o tipo de notícia veiculada, registrava a fala típica da oralidade própria e, em especial, de uma cidade onde o crescimento ainda não foi capaz de extinguir, explicitamente, a figura do narrador oral, de modo que a notícia se faz aos modos das conversas que circulam nas praças ou botequins em pequenas cidades, ou das fofocas de bairro, nas quais tais falas são de pessoas conhecidas da comunidade, que quase todos conhecem ou ouviram falar: *Antonio Duarte, Antonio Capuxu*. As vozes, assim, legitimam o teor da notícia.

No movimento que chamamos de “alucinar a identificação”, os “narradores” têm a autoridade do reconhecimento e suas palavras têm presunção de legitimar ou tirar o véu de um fato enigmático. Todavia, perguntamos quem, na época dada, em pleno sertão onde a seca castigava a pobreza, não utilizava um chapéu de massa ou uma bacia com farinha, considerando que havia muitos andarilhos em busca de sobrevivência, como o próprio jornal anota em outras edições quando fala do número considerável de mortes devido à seca e a fome que ela proporcionava?

Esse quadro narratológico em que um “eu” (presente) fala a um “tu” (copresente), acerca dele (o ausente, isto é, o que é a re-presentar) (DUFOUR, 2005: 130) simboliza e fala da “vida” de um ser que vai ganhar identidade no texto 02, como vemos:

Texto 02⁴

⁴ A aparência do texto 02 reflete bem as condições de preservação em que se encontravam os textos originais antes de sua fotocópia.



A abertura desse texto, marcado pelo enunciado *Conforme promettemos damos hoje mais alguns pormenores acerca do esqueleto a que já nos referimos* revela uma retomada a um texto já exposto anteriormente. Texto que vem esclarecer o mistério que envolvia a primeira notícia, sendo assim, “identificar” o “esqueleto” encontrado *na Matta do Nogueira, para as bandas do poente*, por assim dizer perdido “no meio do caminho”, em um lugar quase indefinido. Certos pormenores como a cor e a altura funcionam como DNAs *a posteriori*, já que todos eles estão interligados aos objetos encontrados junto ao esqueleto. Verdade ou não, tais pormenores vão acrescentar ao primeiro texto, uma espécie de identificação do esqueleto: *É elle de individuo de cor preta, cabellos carapinha, barbado, baixo e secco de corpo*. Os objetos que ele portava são fundamentais para sua identificação. Se a identidade do corpo é desenhada pelo que havia de exterior a ele, ou seja, pelos objetos que ele portava, é, também, através das vozes de pessoas conhecidas na cidade, do mesmo modo exteriores ao corpo, que a identidade é sedimentada: *Delfino carnicheiro* dá notícias de um indivíduo com as características, e *Antonio Capuxu, Jose Dunga, Raymundo e Ananias Belão*, confirmam-na. Tantos sinais exteriores pareciam ser suficientes para que uma autoridade maior o *Capm. Manoel Cyrillo dos Santos* possa expressar seu parecer acerca dos fatos, legitimando a identificação do “esqueleto” e, portanto, a provável veracidade das informações. Daí, a fala do *Capm.*, que aqui transcrevemos:

Pelos signaes, diz o Capm. Manoel Cyrillo dos Santos, que lhe parece ser o dito individuo de uma familia dos Gama da Cabeça do Boi, do Parahú, que aqui esteve e soffria do juiso, circunstancia essa que tambem se refere o Delfino.

Em relação a tantas vozes, o que chama a atenção, ainda no texto 01, é a voz do narrador que passa a apresentar outras tantas bocas. Ao mencionar o fato *Há tempos fora encontrado por Antonio Capuxu, nas Vertentes ou Riacho Grande*, o narrador deixa à mostra o que pode ser confirmado no texto 2, que havia quem desse notícia do referido cidadão, de modo que a informação foi passada de “boca em boca”, dalhures, cujos pormenores deveriam ser ainda esclarecidos.

Como podemos observar, houve, a partir da descoberta, ou “achado” do “esqueleto”, a necessidade de uma identificação do ser enquanto vivo, desmistificar o nada, o sem-vida, e dar a ele nome, embora seja o da família (*individuo de uma familia dos Gama da Cabeça do Boi*), lugar de nascimento ou moradia (*do Parahú*), emprego ou forma de relacioná-lo aos vivos (*soffria do juiso*)⁵.

⁵ Não nos ocupamos, nesse trabalho, em estudar a forma como as palavras eram grafadas, bem como os processos de mudanças subjacentes a elas. Esse estudo específico está sendo desenvolvido em outra pesquisa coordenada pela professora Hozanete Lima (PPGEL – UFRN).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos que analisamos se amarram um ao outro como uma espécie de jogo de perguntas e respostas. Mas eles não respondem só a si mesmos, mas à expectativa criada nos leitores pelas informações que neles se encontram. O segundo texto está preso ao primeiro por um fio histórico, fazendo com que eles dialoguem entre si historicamente. É o contato entre eles que os aclara.

Essa relação visceral entre os textos é transportada para um diálogo que também se estabelece entre o narrador e o leitor; aquele assume um compromisso declarado com esse. Isso se mostra no momento em que o narrador se anuncia nos seguintes modos, no texto 01, *Em outra ocasião o faremos* (referindo-se ao fato de que não fora possível dar todos os detalhes do acontecimento), e, no texto 02, *Conforme prometemos damos hoje mais alguns pormenores acerca do esqueleto a que já nos referimos*. Desse modo, os enunciadores (narradores) vão assumindo compromisso com seus leitores, enredando, ainda, falas *daqui* e *dali*, buscando as vozes de outrens para garantir aos seus interlocutores a veracidade dos fatos. Tais movimentos revelam, por outro lado, não só a responsabilidade que os narradores estão mantendo com a veracidade das informações, mas a segurança e garantia de credibilidade do próprio jornal.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 4.ed. Tradução: Sergio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.
- O Mossoroense**. Série “E”, nº 9. Janeiro de 2003. Fundação Guimarães Duque; Fundação Vingt-Rosado; Governo do Estado do Rio Grande do Norte e Secretaria de Estado da Educação da Cultura e dos Desportos. Criação: Rogério Dias.
- DUFOUR, Dany-Robert. **Os Mistérios da Trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2006.
- <http://www2.uol.com.br/omossoroense>. Acesso em 25/07/2008.